

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor—Joaquim Domingues de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, largo de Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 40.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 19 DE OUTUBRO DE 1873.

Foi-nos offerecido um volume de versos do nosso comprovinciano o Sr. Guilherme Antonio Lopes com o titulo de «Enlevos d'Alma».

O author revela nelles um talento que muito promette, e se bem que notassemos algumas faltas são ellas tão pequenas que não podemos deixar de releva-las.

Divide elle o seu livro em lyra profana e lyra maçonica.

Os seus versos são singellos, porém de uma singellêza que nos prende o sentido. Dêdica-os a sua mãe e faz a sua dedicatória:

São filhos do meu ser; se o não tivesse
De certo não podia eu escrever-os;
A ti os offerecendo, eu tenho gloria
Se eram então sublimes, são mais bellos!

Na maior parte delles pinta com ternas cores um amor mal correspondido, e falando á essa mulher á quem dedicara toda a sua vida elle diz:

Amei-te como tu ves;
Inda mais; pois a teu pé
Jurei ser teu o só teu;
E apesar dessa flmessa
Que me deu tua belleza,
Teu amor não foi só meu!

Nos versos «Sandades da minha terra» lembra-nos elle o nunca esquecido Casemiro de Abreu:

Para longe da patria condemnado
Minha vida a passar triste exilado
Que valho? que sou eu?
A pe'la de uma flor qu' em fogo arde;
A rosa, que perdida, chora á tarde
O ninho em que nasceu.

Na lyra maçonica a poesia «Pê e Esperança» é, a nosso ver, uma das melhores. Uma mulher vagava pelas ruas n'uma noite de inverno em busca de mão caridosa que a soccorresse; essa mão não se faz esperar; alguém dirige a ella e diz-lhe:

...quem sois? dissei quem sois?
Porque choraes? dissei?

A pobre mulher é soccorrida, e depois:
Lá seguam todos já: co'o bannam os filhinhos
A pobre mãe decora as ruas, os caminhos
Da casa em que hej: morão!
Mas inda o não conhece, conserva na lembrança.
O vulto era Maçon! surtiu-lhe a esperança!
De fono já não chorão!

Falta nos espaço para estendermos o nosso fraco juizo sobre o livro do Sr. Lopes.

Prosiga, porém S. S. e receba desta vez os nossos sinceros parabens.

Rio de Janeiro

1.º DE OUTUBRO.

—A mais importante noticia que tenho a dar-lhe, Sr. redactor do *Domingo*, é que o ministerio do imperio mandou processar o Bispo de Pernambuco.

Desanexões de comarca, nomeações de juizes de direito etc. isso é para o Paiz.

Cá chegou o desembargador Pontes Visgueiro, e o retracto da infeliz Maria da Conceição. Era melhor que delle só viesse tambem o retrato.

O della foi reproduzido para dous jornaes (caricatos ou illustrados) como queiram; mas parece-se tanto com a defunta como o Sr. alferes Mesquita com o Sr. Pereira guarda livros da casa do Sr. Custodio Bêchior.

Abaixo transcrevo um avulso, que era vendido por 100 reis, no dia seguinte ao do interrogatorio do réo, por um moleque que dizia:—*Processo do Pontes Visgueiras, com reis.*

Eloy, o herico.

PROCESSO CRIME DO DESEMBARGADOR PONTES VISGUEIRO

Primeiro acto.

Realizou-se hoje, como annunciado foi, a primeira audiencia criminal deste monstruoso processo.

O ministro do Supremo Tribunal de Justiça, o Sr. Simões, intimára que ás 10 horas do dia de hoje iria ouvir ao indiciado.

Antes dessa hora ou nas suas proximidades algum povo dirigiu-se ao quartel de permanentes, onde em custodia está o réo. Mas ás portas do quartel soube o mesmo povo com grande pas-

mo dos entendidos nas leis do paiz, que não somente era vedado o ingresso, como que tal prohibição vinha do presidente do conselho de ministros em forma de pedido ao commandante do corpo de permanentes, dono daquella casa.

Para maior escandalo do disparate, foi acrescentado e isto pelo dizer dos officios daquelle corpo policial, que a prohibição não se entendia até aos amigos do réo.

Não se faz necessario commentar essa intervenção—totalmente politica—do presidente do Conselho de ministros em cousas que correm pela alçada do poder judiciario.

A lei não deixa sequer margem á sophismas nos quaes se possa estribar tão escandalosa ordem!

O povo, o bom e pacifico povo desta nossa capital curvou a cabeça aos *flammas* do Sr. Visconde do Rio Branco e só pôde commiserar-se mas assim mesmo muito *in petto* do papel que que por esse facto ficava distribuido ao Sr. ministro magistrado, Sr. Simões.

Seja como for, a não ser um ou outro curioso sob o nome de amigo do desembargador Visgueiro, ninguém mais pôde penetrar no excuspretorio.

Temos um processo secreto! O ministerio intervem no pleito, um senador do imperio faz pelas ruas da cidade altamente propaganda á favor do réo e até dá o *Diario do Rio* hoje mesmo a noticia de que o Sr. Duarte de Azevedo foi hontem visitar o Quartel de Permanentes—onde está o réo Desembargador.

O ministro, o ministro de justiça foi render homenagem a um criminoso de morte!

A' hora mais ou menos convenionada deu se principio a qualificação do réo.

O desembargador Visgueiro é um homem de alta estatura, mais para magro do que para gordo, physionomia pronunciadamente masculina, parecendo menos velho do que é, gozando ainda de alguns cabellos preto.

O réo padecendo de *grave surdez* responde as perguntas do juiz por escripto.

Declarou chamar-se José Candido de Pontes Visgueiro, natural das Alagoas, idade de 64 annos, solteiro, magistrado com exercicio de dez embargader na relação do Maranhão.

Perguntado se sabia do motivo da sua prisão: Declarou que sabe estar preso como indiciado do crime de assassinato na pessoa de Maria da Conceição.

Perguntado sobre os que o levarão levarão á perpetração desse crime:

Confessa ter praticado o crime levado pela violência da paixão e paixão extremada que desgraçadamente votava ha mais de um anno áquella mulher.

Perguntado se conhecia as pessoas que foram ouvidas como testemunhas nas indagações policiaes, feitas no Maranhão?

Respondou que as conhecia, mas que as mesmas, sob a impressão do momento, DEUZERAM APAIXONADAMENTE, e que além disso não tiveram em frente quem as pudessem contraditar.

Isto dizendo, requereu que os depoimentos dessas testemunhas fossem regularmente tomadas em juizo contradictorio.

Disse mais que dispensava o favor da lei em allegar desde já as *circunstancias reas* e *verdadeiras* do facto, por isso que, achando-se doente e quasi sem poder alimentar-se ha quarantidias, sentia seu espirito incapaz de asferecer á justiça de modo a marchar com a rectidão que lhe é essencial.

Den-se dor terminada a qualificação.

Agora algumas rapidas observações.

Se o processo, já pela victima, já pelo réo e já pelas realias de que goza, e já pelo modo por que os poderes publicos hoje comportaram-se, é um processo interessante e da maior curiosidade, augmenta estes valores pelas declarações do réo e pelo nebuloso mysterio que ante a sua mixrecha levanta-se.

Os réos, somos deste parecer, mesmo os réos de firo privilegiado, devem sempre ser protegidos pelas garantias de lei.

Esta tem um lugar commum e a distincto na sua casa: a protecção a grandes e a pequennias.

E é perante estas verdades e convicções nossas que perguntamos com que direito os agentes do poder executivo procedem de modo a comprometter na opinião publica a pessoa do réo?

Porque razão, ao penetrar um cidadão nas salas da justiça criminal ha de encontrar o nome, a ordem, a senha do presidente do conselho de ministros.

Estas tristonhas cogitações bem obumbrarão a frente do illustre patrono do réo, o Senador Francisco Octaviano, quando viu-se obrigado a requerer que fossem abertas as portas da sala da audiencia e retiradas as sentinellas: e mais tambem a requerimento seu que o publico fosse admittido.

Ora, as leis deste paiz doutrinam a publicidade dos processos e esta publicidade que é uma garantia para o réo é tambem e principalmente um direito do povo.

A acção do poder moderador movida delos ministros, quando queira exercerse terá seu tempo; por enquanto é triste e acabrunhador para a moralidade deste paiz, que se dá incremento á desconfiança que já nutre o povo de que um grande do imperio não será condemnado, nem mesmo por crime capital!

Isto é muito, mas diminuto é entretanto perante o facto grave do compromettimento do réo ante a opinião dos seus concidadãos.

E o que se poderá fiar pensando das justias deste paiz quando os juizes tirados do proprio Supremo Tribunal podem ser, com o publico, pacientes das extravagantas ordens e das senhas disparatadas de um mero presidente do Conselho?

Não! Quanto mais criminoso possa ser um réo, maiores direitos tem elle á guarda da justiça.

Ao menos ante a severa Deusa das justas balanças e dos vendulos olhos, pare confundido por esta voz respeitosa o Sr. Visconde Primeiro Ministro.

Página philosophica.

O HOMEM

I

O estudo do homem, seja qual for a forma sob que o consideramos, é, sem duvida, a mais nobre e uma das mais sublimes occupações á que se pode elle entregar.

Submettendo-se á esta verdade e seguindo os dictames da razão, Socrates, que marca uma gloriosa epocha na historia da philosophia, aconselhou, com o mais profundo saber, o estudo do homem.

Encontrando aquella sciencia agonizante sob o formidavel peso das argucias dos sophistas, pôde, por sua sabedoria e modestia, tão contrastantes com a arrogancia de seus antagonistas, operar uma completa revolução no mundo philosophico, transportando a observação, que exclusivamente se dirigia ao admiravel espectáculo da natureza, para o homem.

Na fachada do templo de Delphos, ha-se estas palavras:

«*Nosce te ipsum*», (*conhece-te á ti mesmo*) cuja inscripção elle aconselhava constantemente como a mais solidida base para os futuros conhecimentos.

Com effeito, parece estar dictando a razão, que antes de tudo, nos devemos occupar do estudo de nós mesmos para que, depois de bem conhecermo-nos, possamos buscar com mais certeza novos conhecimentos.

Assim como é para o homem um dever o conhecer-se á si mesmo, tambem não o é menos o buscar novas luzes nos mundos que ainda não conhece. Tendo consciencia de sua perfectibilidade visto que é uma lei da humanidade, tem o mais indeclinavel dever de envidar todos os seus esforços para aperfeiçoar-se. Embora reconheça as poucas forças de que dispõe, jamais deve arredar-se de um tal dever, sem que lhe importe o esgar o o sarcasmo d'aquelles que buscam desacoraçal-o, infiltrando-lhe o desanimo no espirito. E o mais poderoso meio, de que pôde o homem lançar mão, é o estudo, pelo qual chega á levantar o espesso véo da ignorancia, afim de poder marchar conscienciosamente no vasto campo dos conhecimentos humanos.

O estudo, que é a vida do espirito, é uma limpida fonte donde dimanam os mais puros prazeres, unicos proprios de todos os tempos, de todos os povos, de todas as edades, de todos os

logares, e que, vivificado e fortalecendo a alma, concorre igualmente para a conservação do corpo; mas, para que se possa gozar dos inefaveis dulçores que nos concede o estudo, é preciso trabalharmos e trabalhar muito.

«*Trabalhemos*, dizia Voltaire, *enquanto temos fogo nas veias*... *E' sempre para corrigir-me que eu estudo*».

II.

«*Debaixo do ponto de vista puramente anatomico, diz Bouillet, o homem é um animal vertebrado, mamifero, bipede, timano, com dedos unguilados, o polegar opposto aos outros dedos, conservando-se em pé, com os olhos dirigidos para diante, tendo o angulo facial mais aberto do que todos os outras animaes (de 70 á 80°) possuindo as tres sortes de dentes (incisores, caninos e molares), e sendo, por consequencia, omnivoro; mas o que faz essencialmente sua superioridade é o ser elle o unico dotado da razão, da palavra; o ser livre, o distinguir o bem e o mal, e o ser eminentemente perfectivel*».

E', pois, debaixo deste segundo ponto de vista que nós aqui queremos fallar, isto é, não podendo nem devendo desprezar esse conjuncto de orgãos á que se chama corpo, occupamo-nos, todavia, mais aspecialmente do homem considerado sob o ponto de vista moral.

Comegaremos, pois, pela sua creação.

Quando no sexto dia da obra da creação Deus disse:

«*Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*» (*facemos o homem á nossa imagem e semelhança*) não teve em vista crear um ente de baixa condição, impotente e destinado á ser o ludibrio dos elementos; não. Elle jamais consentiria que aquelle que, sobre a terra, é o transumpto fiel de sua imagem, ali representasse um aviltante papel. Para sublimes e honrosos fins o creou a Providencia.

E' verdade que, ao apresentar-se á face da terra, é de uma maneira que, á não ser os innumerados factos que comprovam, seria incrível a admiravel perfectibilidade de que é capaz.

Tão delicado, tão desamparado, tão pouco conhecido e não sabemos si mesmo sujeito á algum instincto, é uma maravilha a modança de que é susceptivel e que se effectua.

Nascem os demais animaes admiravelmente protegidos já com o instincto natural que lhes dá á conhecer o que lhes convém, o o que devem evitar; já com aquelle grão de perfeição á que lhes é dado atingir, sendo desde logo tão conhecidos como seus progenitores.

A' primeira vista parece terem elles tido melhor partilha; mas, é este justamente um dos pontos em que mais sobressahe a superioridade do homem em relação ao resto da animalidade. Si os outros seres creados já possuem, ao nascer, aquelle grão de perfeição á que lhes é dado chegar, o homem, que nasce em tão admiravel estado de ignorancia e imperfeição, vae gradualmente adquerindo luzes com as quaas se vae afroxando tal ou qual instincto que por ventura possuia, cujo logar vae sendo preenchido pela razão que a final domina absolutamente. Aquello

que apresenta-se no mundo tão impotente á todos os respeito, torna-se em pouco, o mais poderoso dos entes creados, senhora-se de tudo, domina em fim; e esse seu dominio sobre tudo o mais que existe, é o cumprimento das ordinações do Eterno; pois, se attendermos ás sagradas letras, veremos que depois de o haver creado e animado, disse Deus: «*Subjicite eam (terram), et dominamini piscibus maris, et volatilibus caeli, et universis animantibus, quae moventur super terram (tenda-a (a terra) subjicite á vos, dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do Céo e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra)*»

Formando de suas substancias—alma e corpo, este é a materia que sobre a terra representa a imagem do Senhor, aquella, uma mi pequena centella por momentos destacada da Divina Essencia para vir animar essa materia. Destas duas substancias, uma, como tudo o que é material, não tem conhecimento de sua existencia e submittio-se passivamente ás leis que lhe são impostas; a outra, porém, que é puro espirito e dotada de razão, tem consciencia de sua existencia, rege-se por sua vontade livre e tem á seu serviço aquella substancia á que anima. Quando Mr. de Bonald diz: «*O homem é uma intelligencia servida por orgãos*», dá do mesmo homem a mais completa definição e que não só precisa clara e evidentemente o seu objecto, como escapa á toda e qualquer objecção.

Dotado de differentes faculdades, tem elle o mais vasto conhecimento, sendo que, dos arcanos que elle ignorava, só o seu Autor poderá dar a explicação.

Nenhum outro ente, com effeito, teve melhor destino. Tudo mostra sua grandeza: tudo indica sua legitima supremacia.

Buffon diz sabiamente: «*Tudo annuncia ao homem o senhor da terra; n'elle tudo exprime, mesmo exteriormente, sua superioridade sobre todos os seres viventes*»

Pela consciencia (*mens sui conscia*) chega ao perfeito conhecimento de tudo o que existe no mundo psychico, isto é, conhece aquillo que o constituo homem—o eu; pelos sentidos ou percepção externa, conhece todos os objectos exteriores, a que os philosophos chamam o *non eu physico*; e pela razão, em fim, chega ao conhecimento de tudo o mais que não está nem no mundo psychico nem no mundo physico, isto é, chega aos conhecimentos superiores dos objectos metaphysicos e finalmente ao perfeito conhecimento da Divindade.

Quanto é maravilhoso um ente ter conhecimento de sua propria existencia, dos demais seres e objectos que com elle existem sobre a terra e que estão ao alcance de seus sentidos, e ainda mais d'aquillo á que esses sentidos não podem attingir!

Quão prodiga foi a providencia na distribuição de suas graças e favores!

Immenso é o Universo; o homem, porém, é maior; porquanto essa immensidade não tem consciencia de sua existencia, ao passo que o homem não só a tem da sua, como está á seu

alcance o conhecimento da existencia do universo.

Quando o universo e esmagasse, diz Pascal, o homem ainda seria mais nobre que aquelle que o mata; porque elle sabe que morre, e a vantagem, que sobre elle tem o universo, o universo ignora.»

Quando Martinet diz: «*O homem é um ser que tem por ponto de partida o nada e por termo o infinito*», dá uma definição da qual inferese facilmente quão perfeitamente o mesmo Martinet concebe a sublimidade concedida ao homem.

Com effeito; si seu corpo é pura materia que, como tal, está sujeita á acção da natureza: sua alma, puro espirito, escapa á toda e qualquer influencia, á toda e qualquer effeito.

Isto á que se chama morte, nada mais é do que o desaparecimento do corpo pela restituição da materia ao elemento que a fornecerá, ao mesmo tempo que a alma volva á seu divino principio.

Assim, pois, extinguindo se o corpo, e desaparecendo da face da terra aquelle principio immortal que o animára, ainda assim não morre o homem.

Quando já não move-se, já não respira, ou quando já tem desaparecido completamente os restos do seu corpo, o homem ainda vive enquanto permanecem, enquanto perduram seus pensamentos, acções e palavras, que sempre recordam aquelle de quem procederam.

E' assim que ainda vivem: Seneca, Plinio, Virgilio, G. Dias.

E quando por ventura desapareca absolutamente de sobre a terra tudo o quanto pudesse recordar cada um que já existiu, ainda assim não morre o homem, porque sua alma, ao deixar o corpo, vóo ao seio da eternidade, onde vive e viverá sempre.

Maranhão, outubro de 1873.

S.

Uma recordação saudosa.

VERSÃO.

I

ERAM onze horas da noite de um desses dias em que os negocios ou os prazeres não nos deixam um momento de descanso. Havia trabalhado toda a manhã; em um longo e agradável passeio com um amigo, havia passado a tarde, e com o pretexto de tomarmos chá, nos tínhamos reunido com varios jovens a ler versos, fallar e murmurar do proximo; depois do chá tomamos *Champagne*, e entre o *Champagne*, o chá, os versos, em sua maior partes uporiferos e sentimentaes, o passeio e o trabalho, muito concorrerão para que eu tivesse somno.

O melhor que se pôde fazer quando se tem somno é metter-se na cama. Conhecido dessa verdade, dirigi-me ao amigo

em cuja casa estava, dei-lhe as boas noites, tomei o meu chapéo e retirei-me.

A noite estava fria: poucas pessoas andavam pelas ruas.

Ao chegar á minha casa, notei que cinco ou seis carruagens se achavam detidas diante d'ella. O somno impediu que aquella fila de carros occupasse a minha imaginação mais de um segundo; subi apressadamente as escadas, entrei em casa, e faltando-me tempo para despir, envolvi-me nos lençóes, tendo apenas tirado as botas e a casaca.

Achava-me já sumido nessa doce somnolencia precursora do somno, e ia enfim dormir, quando um não esperado rumor veio perturbar o apreciavel socego em que me achava, e impedir o meu descanso. Era aquelle rumor nem mais nem menos o compasso do som de um piano, que deixava ouvir *os lanceiros*. E aquelle verdugo de madeira e metal soava do outro lado do tabique a que se encostava a cabeceira da minha cama; parecia posto ali pela mão da fatalidade para não deixar-me dormir.

Recordei-me então da fila de carros que ao chegar á casa havia visto, e disse comigo mesmo:—Temos baile.

Correi os os olhos e procurei dormir; metti a cabeça debaixo das almofadas fiz esforços invenciveis por chamar o somno era porem materialmente impossivel dormir em tal situação.

Depois dos *lanceiros* tocaram uma *schottish*; em seguida uma colleção de *walsas* de Strauss, que me pareceram então horivelmente discordantes; e logo outros *lanceiros* e depois umas *habaneras*. Eu o confesso, *as habaneras* acabaram por irritar-me os nervos. E desesperado saltei fora da cama, accendi uma vella, embucei-me no meu sobretudo, e tomei um romance de Ponson, decidido a fazer-me dormir em um sofá que colloquei o mais longe possivel do assassino piano. Mas, nem ainda assim aprosa do Visconde-romancista conseguiu fazer-me conciliar o somno.

Convencido de que teria de passar uma noite em claro, deixei o romance de Ponson e passei furioso pelo meu quarto, como um urso engaiolado.

Seriam quatro horas da manhã quando, havendo-se calado o maldito piano, e o ruido dos carros que se retiravam, me convenceram de que a *soirées* havia terminado.

Sem mais tardança procurei a cama, e em poucos momentos dormia profunda-

mente, não sem haver previamente amaldiçoado os bailes, soirées, chás, danças, etc., etc.

(Continua)

Motte.

Lá vem a lua salindo
Por detrás da pimenteira;
Já me dóe o ceu da boca
De beijar moça solteira.

atoz.

Procurando certo dia
A meu enfado dar fim,
Fui passear ao Catim,
Voltei quando anontecia;
Mas como a melancolia
M'estivesse inda affligindo,
P'ra um sarau fui seguindo,
Lá fui um vate encontrar,
Desses que sabem cantar:
Lá vem a lua salindo.

Corcado da rapazia
Que o trazia apouquentado,
E ao mesmo tempo atacado,
Da laxidão d'uma harpya;
O nosso poeta enfia
Por uma porta trazeira,
Curioso e em carreira
Logo após em o seguiu,
Então agachado o vi
Por detrás da pimenteira.

Présto á sala volto e conto,
E é o púteo invadido,
Mas o vate perseguido
Das cubas, se via tonto,
Chegando o enxame a ponto
De pôr-lhe a cabeça óca
Gingindo-a como uma tonca,
E no beijo uma lha ferra;
De rir, em quanto elle berra
Ja me dóe o ceu da boca.

Mas já eu arrependido
Pela sua decepção,
Com elle volto ao salão
Onde o caso era applaudido:
Ahi lhe sendo inquerido
Por certa menina arteira,
De natural galhofeira:
—De que tem o beijo inchado?
Torna o vate despeitado:
— De beijar moça solteira.

CHRONICA.

Dificuldades do chronista.—O Sr. Keller e o espectáculo de domingo.—O vapor do Sul e o breve da sua Santidade.—O commandante de um corpo sendo commandado.

E' na verdade, leitor, bastante difficil ao vosso chronista satisfazer-vos hoje de novidades.

A semana a esse respeito foi demasadamente esteril e da mesma forma se acha a minha imaginação.

Estou cansado mesmo estafado de andar a cata dellas e, se fui de balde voltei de cuiambuca como diz o nosso povo. O editor acha-se ao meu lado e pede com instancia a chronica, e eu tusso, bato na testa, conto as velhas ripas da casa e nada de novidades. Que fazer?

Vou no entretanto visitar o nosso velho amigo Keller, e ver se espremeendo-o como fazem as lavadeiras a roupa consigo alguma cousa que satisfaça ao leitor.

Como devem presumir fui ao espectáculo de domingo e achei-o sublime.

O Sr. Keller tocou nessa noite as raías do maravilhoso, deslumbrando a um publico que o admira na sua queda que, se não foi dramatica, esteve quasi a sei o.

Sim senhor, muito bem Sr. Keller, continue que assim e que o queremos ver.

Notei, porem, que fardado como estava se esquecesse das innumeradas condecorações que tem guardadas dentro do bahu. Nisso é que não posso deixar de censural-o; não haja mysterios Sr. Keller, apresente-as, para que a sociedade «Vingança» que tanto tem dado que fazer a sua imaginação fique deslumbrada e metta-se na toca.

E o seu artigo do Paiz? E a multa que impoz a si?

Ah! Ah! Ah! dá-lhe por ahi que vai muito bem.

Deus permita que com isso fique o Sr. Keller satisfeito e vá com vento fresco por esses mares, que não me deixa saudades.

—Chegou o vapor do Sul...

Já não é novogitará o leitor.

Espere, meu amigo, tenha paciencia, pois o vosso chronista aqui está como que andando por cima do baluarte—com muita precaução para não ir elle e baluarte na maré.

Como dizia chegou o vapor do Sul, segundo se falla por ahi, ou o velho Cruzeiro desta vez fez-se de borraxa ou não é o mesmo, porque seria preciso que fosse immensamente grande pra trazer dentro de si um breve da sua Santidade.

Eu creio, porem, que é o mesmo, e sou capaz até de jurar porque o Sr. gerente m'o assegurou, dizendo-me que o breve era tão pequeno que veio dentro do bolso do commandante.

Avista, pois, do que disse o Sr. gerente peço ao amigo leitor que acredite como eu tambem acreditei.

Segundo me consta, pois ainda não li o santissimo breve, sua santidade condem-

na o liberalismo catholico. Isto deu-me deveras no gôto—damaneiras que, sendo-se liberal não si é catholico, e sendo-se catholico não si pode ser liberal, avista das terminantes ordens de sua Santidade que fica dito de passagem, não tem o beneplacito do governo. Pergunto agora—Eu que desde pequeno embriulhei-me na bandeira tricolor poderei fazer o *pelo-signal* de hoje em diante?

— Responção as sabias da escriptura.
Que segredos são estes da natura.

Passamos a outro assumpto.

Segundo as ordens das cousas até aqui os commandantes commandavam os seus subordinados; agora, porem, não sei si por effeito da reforma judiciaria ou por decisões secretas do concilio, passou á ser vice-versa.

A primeira vista talvez julgue o leitor que vou apresentar-lhe uma noticia falsa, porem eu que sou incapaz, como ja tive occasião de diser, d'inventar uma mentira com visus de verdade exponho o facto ipse verbis ao que me contaram.

Entre diversos officiaes nomeados para varios destacamentos fora da capital foi o commandante de um corpo, ficando de conta do casco do batalhão um alferes. Ora, apesar de não estar bem a par do regulamento militar, julgo no entretanto que o commandante general está justamente onde se acha o seu casco, por consequente, achando-se este na capital commandado por um seu inferior torna-se forçoso que receba ordens de quem ja deu.

E' um verdadeiro *modus in rebus*.

—Noticia ao leitor com muito praser o espectáculo do clarinetista Sr. Rebouças na terça-feira 21 do corrente.

Já ouvi por mais de uma vez os dulcissimos sons de sua clarinete que mereceram a minha fraca porem sincera apreciação.

Creio que ja satisfiz alguma cousa da curiosidade do leitor, e se não estiver satisfeito a culpa não é minha.

Nisto-Calisto.

EXPEDIENTE.

Recebemos, e sinceramente agradecemos as illustres redações, alguns numeros do *Echo Popular* e *Seto de Setembro*, do Pará, e o *Sertanejo*, do Rio Grande do Norte, e enviaremos em troca o nosso *Domingo*.